

---

## **A comunicação alternativa encarada através do binômio comunicação e trabalho.<sup>1</sup>**

Ana Flávia Marques da Silva<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo

### **Resumo**

Há diferentes chaves analíticas para delimitar o conceito de comunicação alternativa ou mídia independente. A denominação é somente um dos aspectos da discussão realizada por pesquisadores sobre o tema. Discurso, organização, pauta, participação, segmento, linguagem, posicionamento editorial são categorias utilizadas para generalizar e estabelecer fronteiras conceituais. Neste artigo utilizamos o binômio comunicação e trabalho como abordagem teórica-metodológica para jogar luz a aspectos relacionados ao processo produtivo que envolvem o trabalho como atividade humana.

**Palavras-chave:** comunicação e trabalho; comunicação alternativa; mídia alternativa, mídia independente

### **O binômio comunicação e trabalho como abordagem teórica-metodológica do conceito de comunicação alternativa**

O mundo do trabalho é denominado assim porque é complexo, com muitas contradições, decisivo para entender as relações sociais - materiais e históricas - e apreender a realidade além de sua aparência, na essência, na radicalidade do mundo concreto.

Karl Marx, em seu livro *Ideologia Alemã* (1985), sustenta que a relação do homem com a natureza para garantir a produção e a reprodução de suas condições existenciais é a base do materialismo. “Uma forma específica de apropriação da natureza determina as formas de organização social e a consciência”

Desde suas primeiras obras, Marx e Engels identificam um papel para a categoria trabalho, porém inicialmente era apenas uma forma geral de luta do

---

<sup>1 1</sup> Trabalho apresentado no *GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação*, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo também é parte integrante de dissertação apresentada ao PPGCOM-ECA/USP.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da ECA-USP. Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA-USP. Jornalista, membra da coordenadora nacional do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé, e-mail: contatoanaflaviamarques@gmail.com

---

homem contra a natureza, como base de todas as sociedades humanas. O labor esteve, desde o início, ligado à alienação, provocando a questão da forma como essa degeneração da atividade humana. Mas desde o começo, o trabalho era analisado na perspectiva da sua abolição, do processo de desalienação, revelando como se tratava já de uma análise ao mesmo tempo negativa e positiva. (SADER, 2008, p. 15).

O autor coloca o trabalho como pressuposto de toda existência humana, como “primeiro ato histórico” para suprir as necessidades de se alimentar, morar, vestir, etc. Também é no trabalho, na troca com outros indivíduos que se dá a existência da consciência e da linguagem.

A linguagem é também a consciência real, aponta a teoria marxiana. Nasce siamesas pela necessidade de o homem viver com o outro, em troca, estimulada e articulada com o trabalho do cérebro humano.

Engels, em seu clássico texto *Dialética da Natureza* (1979), defende que a consciência é, entre outras habilidades, a capacidade de abstração e de discernimento que contribuiu com o desenvolvimento do trabalho, ação do homem sobre a natureza e sobre a “palavra”.

Esse desenvolvimento dos sentidos, linguagem e consciência fez com que o homem evoluísse, se tornasse capaz de realizar operações complexas e pudesse viver em grupo. É justamente o trabalho – e a fabricação de instrumentos, a linguagem e a consciência que distinguem o homem de outros animais.

A atividade essencialmente humana do trabalho é social por este não existir sem a cooperação entre os sujeitos.

Conseguimos imaginar divisão de trabalho sem comunicação entre os indivíduos? Para Marx *apud* Leontiev em “O Desenvolvimento do Psiquismo” isso não é possível:

Na produção os homens não agem apenas sobre a natureza. Eles só produzem colaborando de uma determinada maneira e trocando entre si as suas atividades. Para produzir, entram em ligações e relações determinadas uns com os outros e não é senão nos limites destas relações e destas ligações sociais que se estabelece a sua ação sobre a natureza, a produção. (MARX *apud* LEONTIEV, 2004. p. 81)

Ao se apoiar neste raciocínio marxista, Leontiev afirma que a “linguagem não desempenha apenas o papel de meio de comunicação entre os homens, ela é também uma forma da consciência e do pensamento humano” (ibidem).

Por consciência, entendemos o sentido que orienta a ação humana, reflexo da realidade concreta destacada das relações que existem entre a própria realidade e o sujeito.

---

A linguagem age na produção desse reflexo da realidade e é ao mesmo tempo produto forjado na prática social, segundo Shaff (1975) a prática social e conhecimento são duas facetas dialéticas que se complementam.

Ao falar da ação da prática humana sobre conhecimento, fizemos a reserva de que se trata da prática acumulada, tanto na ontogênese como na filogênese do homem; de que se trata, portanto, não só (e nem sequer principalmente) das transformações, que o indivíduo opera na realidade e que compõem a sua experiência social, mas antes de tudo, da prática social cujos produtos são referenciados de modos diversos aos membros da sociedade. (SCHAFF, 1975, p. 239).

Desta forma, se a linguagem atua na formação da realidade, ela também age na percepção humana e define até certo grau a nossa visão de mundo. Essa realidade é formada predominantemente no trabalho, na atividade em que aqueles que não têm os meios de produção passam na jornada elástica de mais de oito horas por dia.

A abordagem ergológica que “conforma o projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho, para transformá-las” (Schwartz e Durrive, 2010) mobiliza o trabalho enquanto categoria central na relação micro e macrossocial.

Influenciado pelas ideias de Georges Canguilhem, Yves Schwartz debruça-se sobre o micro do trabalho para compreender como se dá a relação entre sujeito e o trabalho, buscando identificar o que o trabalhador apreende para as suas experiências e como ele contribui com a sociedade.

A partir dessa associação, Fígaro vai além da ergologia e posiciona o sujeito como ser “histórico concreto em meio a embates sociais”. A perspectiva sobre o papel da ergologia auxilia a identificação das contradições entre capital e trabalho.

O sujeito, portanto, é o indivíduo/social, ser histórico concreto, que se posiciona em relação aos embates das lutas entre as classes sociais e sofre esses embates, como as injunções do trabalho explorado e do poder do capital. É este o sujeito da comunicação, o ser social que diz “eu” e identifica ou escamoteia o “outro” da comunicação. Nesse sentido, as relações de comunicação revelam os conflitos e as contradições sociais. A comunicação não tem por si mesmo o papel de criar consenso. Estudar a comunicação no mundo do trabalho, na perspectiva do binômio comunicação e trabalho, é identificar os sujeitos sociais e as contradições, conflitos (do trabalho) na sociedade contemporânea; é entender as relações de comunicação entre os sujeitos sociais como totalidade que revela a sociedade. (FÍGARO, 2015, p. 117)

Portanto, a atividade de trabalho, de acordo tanto com Marx e Engels, como no sentido ergológico, quanto a partir do binômio comunicação e trabalho, é considerada uma atividade humana, muito além da simples execução ou um processo de alienação.

---

Vale fazermos duas ressalvas: a primeira é a de que se considerarmos o trabalho como emprego, deixaremos passar, assim como água entre os dedos, a complexidade do trabalho como expressão específica de um movimento mais geral que é a atividade humana. A segunda é sobre o conceito de alienação que, em muitas vezes, o encontramos na literatura ou no uso comum de maneira deturpada do conceito originário. A alienação derivada do trabalho é aquela que aliena o sujeito do processo por inteiro sobre a sua produção. Diz respeito ao não estranhamento de si no trabalho; à impossibilidade de decidir e de se apropriar dos frutos do trabalho. É natural, portanto, que os sujeitos busquem a todo o momento formas de conduzir o próprio trabalho. Esse embate revela o esforço pelo reconhecimento.

Para a ergologia, durante todo o processo de trabalho, o indivíduo se depara com debates, normas, necessidade de escolhas de como realizar as suas funções, esse conjunto de embates gera e encontra valores na realidade concreta. É uma batalha permanente a qual faz com que o sujeito queira sair da norma, é o que Schwartz denomina de “renormatização” (2010). É o esforço do corpo si para fazer a gestão de si no trabalho e colocar limites na gestão do outro sobre si.

Mas a ideia de atividade é sempre um ‘fazer de outra forma’ um ‘trabalhar de outra forma’. Não é uma palavra de ordem projetada no futuro: está dentro da realidade, é uma espécie de obrigação mesma de qualquer situação de atividade de trabalho humano já incluir uma dimensão de transformação (SCHWARTZ e DURRIVE, 2010, p. 35)

O ponto de vista do trabalho para a ergologia é compreendido como esse processo de investigação que se dá a partir do lugar em que se encontra o trabalhador. O conhecimento de apoio para as decisões no trabalho está em todo corpo do sujeito e em sua experiência. Schwartz prefere utilizar o conceito de “corpo-si” por julgar que o conceito de sujeito está muito desgastado.

O conceito ‘*corpo-si*’ agrega a dimensão física e a relação do homem com o meio durante toda história cultural da humanidade, inseparável da evolução da vida e diferente do meio vivo, ele é “atravessado por valores, histórias, normas antagônicas” (Schwartz, 2010). Isso significa que a “atividade de trabalho é o momento maior de expressão da capacidade do corpo-si. É na atividade que o corpo-si completa-se” (Fígaro, 2008).

O conceito evidencia diferentes dimensões e nos traz tantas reflexões que é preciso explicitar como o próprio autor define:

*O corpo-si é a história*, a história da vida, da espécie, da pessoa, é a história dos reencontros sempre renovados entre um ser em equilíbrio mais ou menos instável e uma vida, social, com seus valores, suas solicitações, seus dramas.

---

O corpo-si é história, história como memória sedimentada, organizada nas miríades de circuitos da pessoa; mas também história como matriz, energia produtora do inédito: na medida em que a finalidade renormalizadora é às vezes imposta ao ser - o meio 'infel'; como 'reencontro' reclama que se escolha se escolhendo tal ou qual maneira de tratá-lo - e, ao mesmo tempo, *requerido* como exigência de vida, como apelo nele de saúde, utilizando-o sem repouso para tentar transformar o que é objetivamente para ele meio (ambiente) (*umgebung*) no que poderia torná-lo o seu meio (ambiente) (*Umwelt*). (...)" (SCHWARTZ, 2008, p. 120).

Embora o autor não aproxime a teoria marxiana da ergologia, vamos relacionar a materialidade que adquire o trabalho concreto na transformação da vida humana, da natureza e da sociedade ao ponto de vista ergológico. Essa aproximação se dá nos termos da materialidade objetiva em que o *corpo si* é compreendido, ou seja, uma miríade de atividades que colocam o ser que trabalha em perspectiva no centro das transformações sociais.

Desta forma a questão não resolvida entre marxismo e ergologia é que esta última se limita a compreender o micro do trabalho em função das questões macrosociais, sem no entanto, fazer o retorno, de como as questões mais gerais da economia e do poder são normativos e prescritivos (controladores) das situações

s de trabalho; outra questão pendente para a ergologia é a de que ela não trata a luta de classes. Centra-se no micro do trabalho por meio da compreensão das “entidades” (relativamente pertinentes) que ali se criam para a gestão do si e do outro no trabalho, desvinculando essas “entidades” do embate entre as classes.

Mesmo assim, a ergologia potencializa a análise das situações concretas de trabalho. Desse modo, essa abordagem nos é útil na pesquisa, bem como permite perceber o ineditismo do trabalho e seu potencial transformador, forma concreta e objetiva que se debate com a apropriação privada dos valores do trabalho.

A partir do ponto de vista do trabalho e do trabalhador, a ergologia considera o trabalho real sempre inédito a cada ato e em constante renormatização. Essa afirmação nos aponta o desafio sobre qual método podemos utilizar para apreender as relações de comunicação, os valores acionados no e pelo trabalho e como entendermos essa atividade além da aparência das normas, manuais e prescrições.

Schwartz elaborou o “Dispositivo Dinâmico em três polos”, uma abordagem teórico-prática que coloca em movimento dois tipos de conhecimento utilizados na atividade de trabalho. O dispositivo revela o tensionamento entre o conhecimento científico, ampliado com o conhecimento engajado na história concreta do trabalho. O

---

terceiro polo é a ergologia que movimentada os dois polos para que o eixo se renove. Fíguro explana sobre a aplicação do dispositivo:

O dispositivo dinâmico em três polos permite, pela força do questionamento, confrontar a norma e a experiência pela atividade de trabalho, revelando os conflitos e as contradições sociais e, principalmente, a potencialidade de transformação do sujeito (corpo-si). Essa proposta permite ainda articular a dialética do micro ao macrosocial. Dá condições de se compreender como as transformações no mundo do trabalho se articulam com os valores e as normas sociais e como a realidade do mundo do trabalho transborda para outras instituições e grupos sociais. (FÍGARO, 2008, p. 122)

Ao utilizarmos o dispositivo para análise dos veículos de comunicação da mídia alternativa, vamos perceber a ligação entre a realização inédita do trabalho e a concepção de mundo dos jornalistas, ao mesmo tempo que a própria atividade nos revelará conflitos além dos manuais e das orientação para a redação, tais como é o tratamento com a fonte e entre os trabalhadores de outros arranjos que têm o mesmo objetivo, por exemplo. Portanto, a atividade de trabalho será utilizada como unidade para compreender os sentidos produzidos pelo próprio trabalho e como esse sentido retorna para a sociedade.

### **Triangulação da Linguagem sobre/como/no trabalho**

Ao dar continuidade às questões teórico-metodológicas que articulam comunicação e trabalho, recorreremos ao conceito de atividade linguageira materializa nas diferentes situações de comunicação. Abdallah Nouroudine (2002) usa o termo genérico de as “práticas linguageiras”, que abrange conceitualmente a atividade da linguagem como: *linguagem sobre o trabalho, linguagem como trabalho e linguagem no trabalho*. (grifo nosso). Tal distinção dessas atividades se faz necessária para identificação das relações de comunicação enunciadas na ligação entre linguagem e trabalho e, conseqüentemente, captar o uso do discurso no mundo do trabalho. O autor reflete que “ao tratar essa questão, a reflexão recairá, necessariamente, em um debate sobre as condições de produção de saber, a partir de prospecções acerca das condições de produção simplesmente”.

A *linguagem como trabalho* é realizada pelo sujeito para orientar o próprio trabalho e acontece no processo coletivo de produção que exige cooperação e diálogo, mesmo sendo econômico, porque faz parte da gestão do tempo do trabalho. A orientação do trabalho e a cooperação somente são oportunos se permitirem conciliar a saúde dos atores do trabalho e a eficácia no produto do trabalho.

---

(...) a linguagem como atividade integra aspectos estratégicos definíveis como fala para si e fala ao outro, centrada essencialmente aqui nos desafios da realização do trabalho e da existência da identidade pessoal dentro e pelo grupo, sobretudo através do tempo. (NOUROUDINE, 2002. p.19)

A própria linguagem é parte do trabalho, legitimada por ele, em que a complexidade de ambas as categorias se confunde e entrelaça. “A linguagem como trabalho não é somente uma dimensão, dentre outras, do trabalho, mas ela própria se reveste de uma série de dimensões”, portanto, todos os gestos, falas, sinais que são feitos com o objetivo de realizar a ação, fazem parte do trabalho. (ibidem,ibidem)

Esse olhar metodológico é importante para apreender os aspectos do trabalho como um todo e não somente a prescrição formal da atividade de trabalho. Omitir essas características é atingir apenas a superficialidade de qualquer análise das relações de comunicação no trabalho.

Da mesma forma não podemos anular a *linguagem no trabalho*, pois como atividade contém elementos complexos como as formas de relacionamento dentro do coletivo, as interações, as relações feitas pela linguagem.

Enquanto a “linguagem como trabalho” é expressão pelo ator e/ou coletivo dentro da atividade, em tempo e lugar reais, a linguagem no trabalho seria, antes, uma das realidades constitutivas da situação do trabalho global na qual se desenrola a atividade. É nesse ponto que os dois aspectos da linguagem são, simultaneamente, distintos e ligados. (NOUROUDINE, 2002, p.22)

Os limites entre as duas situações da linguagem no e como trabalho são híbridos e representam também múltiplas dimensões para análise no local onde se manifestam as relações de comunicação: falas, emoções e evidenciando, inclusive, os aspectos históricos e sociais do indivíduo e da realidade do trabalho. Por exemplo, um trabalhador pode, na mesma situação, utilizar a linguagem *no* trabalho, enquanto outro estará utilizando a linguagem *como* trabalho.

Conversar sobre a vida pessoal de um ou de outro, sobre problemas da política atual, fazer observações sobre as ferramentas empregadas no setor vizinho ou na empresa concorrente, comentar o jogo de futebol da véspera, etc. – todos esses assuntos fazem parte da linguagem no trabalho, uma vez que favorecem trocar na situação de trabalho. A interação entre os elementos materiais e simbólicos da situação de trabalho a partir de um centro de referência, que é o sujeito individual/coletivo, atribui à linguagem um papel privilegiado no processo de representação e de discriminação dos fatores pertinentes a um momento determinado para realizar o trabalho com eficiência e segurança. (NOUROUDINE, 2002, p.24)

Não há uma linha divisória entre a linguagem *como* e *no* trabalho, mesmo quando se busca alcançar a *linguagem sobre o trabalho*, o ponto que fecha o triângulo dos níveis



---

da produção discursiva da linguagem no mundo do trabalho, explicitado por Lacoste, apoiada em Grant Johnson & Caplan. (2002)

Linguagem *sobre* o trabalho são as falas do trabalho produzidas pelos próprios protagonistas da atividade. É expressa na convocação do trabalho através de comentário, avaliação, projeção.

Para perceber a linguagem *sobre* trabalho é importante a averiguação “acerca de quem fala, de onde o ator fala, quando ele fala para compreender onde se situa o campo de validade e de pertinência da linguagem sobre trabalho”. (Abdallah Nouridine, 2002, p. 26)

Os desafios de análise dessa triangulação são relevantes, principalmente devido à dificuldade de identificar quando a linguagem é *como, no* ou *sobre o trabalho* ou mesmo quando se dá o entrelaçamento dos níveis. (grifo nosso)

Analisar uma situação de trabalho através da observação das práticas linguageiras no cenário atual em que as redes e grupos de conversa organizam o trabalho e a fala significa, em nosso caso, participar por dentro dos aplicativos. Os jornalistas dialogam mais nesses espaços do que presencialmente. O debate sobre o trabalho fica concentrado nessas ferramentas e pode ser comentado, compartilhado, registrado o tempo todo com todos que fazem parte da redação, basta a pessoa estar on-line naquele momento e querer opinar sobre o tema.

Essa forma de pesquisa de campo e observação é desafiadora. Em nossa pesquisa que teve como objeto empírico os arranjos alternativos de comunicação (Agência Pressenza, Jornalistas Livres, Opera Mundi e Outras Palavras) tivemos casos em que o volume é incontável e exige novas técnicas de pesquisa, como a mineração de dados no grupo.

Em redações menores e com espaço físico e sem o espaço virtual de trabalho, há a dificuldade de entrar nas conversas bilaterais ou grupos paralelos no espaço virtual. A conversa que antes acontecia no ‘cafezinho’ para falar algo reservado sobre o trabalho, acontece agora no celular, na conversa entre duas pessoas ou em grupos que se formam por afinidades ou acontecimentos nas redes.

Como já afirmamos, a própria linguagem tem suas dimensões e sua complexidade se dá em um processo que se entrelaça às complexidades do mundo do trabalho. Isso reflete na necessidade de o pesquisador ter vigilância epistemológica durante todo processo de investigação, em relação ao sujeito entrevistador e entrevistado, em fazer



---

uma espécie de diário de entrevistas, em deixar a fala do entrevistado aparecer e não se precipitar ou adiantar dentro da sua própria perspectiva, no cuidado quanto a elaboração do questionário, entre outras ações do pesquisador, que podem garantir com que fenômeno seja pesquisado de maneira complexa, global e estruturante.

### **O conceito de comunicação alternativa**

É possível dizer que todos os veículos podem ser chamados de mídia alternativa? Qual é a definição conceitual que pode delimitar ou não, e que possa gerar unidade de análise mínima entre os pesquisadores do tema?

O ponto de convergência dos pesquisadores é justamente não ter consenso conceitual, o que torna ao mesmo tempo desafiador explorar essa tensão e trabalhoso para uma visão com coesão para ser continuamente pesquisada a partir de pontos comuns. Para isso, vamos nos apoiar em alguns autores para entender o fenômeno da mídia alternativa.

É também ponto de confluência a questão que, se é alternativo é uma opção à alguma coisa, a algo ou alguém. Mas a quê? Quais são as categorias determinantes capaz de chegar a uma generalização?

Como vimos, o fator externo, o todo, ou seja, os contextos políticos e sociais estão sempre em movimento e sempre interagem no interior da mídia alternativa, ao mesmo tempo que esse tipo de comunicação também influi em maior ou menor grau no ambiente geral provocando os tensionamentos necessárias em torno de determinadas bandeiras. A comunicação alternativa tem suas propriedades e ligações que lhe são próprias e constituem a sua singularidade. Por essas qualidades específicas é articulada organicamente com o geral, interpenetrando-se podendo ser separada somente em um movimento de abstração para explicitação como conceito.

O movimento dialético do conceito advém da estrutura ao mesmo tempo que o reflexo dessa intervenção da matéria multifacetada em mediações e retorna ao próprio interior da mídia alternativa, proporcionando o movimento de desenvolvimento.

O materialismo dialético reconhece tanto o movimento em círculo, como o retorno para trás (regressão), mas não considera essas como tendências dominantes. A tendência dominante, no mundo material, é o movimento progressivo, as transformações que conduzem à passagem do inferior ao superior, do simples ao complexo, isto é, o desenvolvimento. (CHEPTULIN, 2004, p.167)

---

Peruzzo (2004) defende que o conceito *alternativo* ganha diferentes significados com o passar do tempo e para classificar as mudanças divide em duas classificações: 1) comunicação popular, alternativa e comunitária; 2) imprensa alternativa.

Estão sob a comunicação popular, alternativa e comunitária (CPAC), segundo a autora, as iniciativas populares, orgânicas aos movimentos sociais, educativas, comunitárias que são vinculadas aos movimentos sociais, segmentos populacionais e comunidades que têm em comum o projeto de mudança social e a luta por direitos de cidadania.

Quando Peruzzo fala de imprensa alternativa, refere-se ao jornalismo praticado com certo distanciamento dessas organizações, embora haja diálogo constante entre o movimento social, popular e comunitário, ao mesmo tempo há a preocupação com a qualidade jornalística das publicações. “Desse modo, o que caracteriza esse tipo de jornal como alternativo é o fato de representar uma opção como fonte de informação, pela cobertura de temas ausentes da grande mídia e pela abordagem crítica dos conteúdos que oferece” (Peruzzo, 2009, p.56).

Para Fiorucci (2011) os meios da comunicação alternativa precisam estar necessariamente vinculados à esquerda e, conseqüentemente, defender as bandeiras da esquerda. Portanto, o autor defende a mídia alternativa como tradução de mídia de engajamento, tendo a crítica social e política como eixos fundamentais.

Outro autor que se aproxima da definição de Fiorucci é John D. H. Downing (2002) que sustenta que “a mídia radical alternativa constitui a forma mais atuante da audiência ativa e expressa as tendências de oposição, abertas e veladas, nas culturas populares”. Para o autor, a missão da mídia radical, como usualmente denomina a mídia alternativa, é:

(...) a mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também de pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas. (DOWNING, 2002, p. 50)

Para esses dois autores, a categoria determinante para definição de alternativo é o conteúdo, sendo assim, deve “posicionar o meio estritamente do lado da esquerda e da crítica ao modelo capitalista” (Fiorucci, 2011). Da mesma forma, para Downing a mídia alternativa precisa “expressar uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” para estar enquadrada no conceito.

Para Peruzzo (2009) é a práxis social que determina as características de comunicação popular, comunitária e alternativa no conjunto do processo; não o veículo

utilizado, linguagem, propriedade, formato, de maneira isolada, mas como se dá o processo e a relação com a comunidade. Porém, a autora não coloca o critério de participação entre os determinantes do alternativo, sendo que o morador pode participar através de uma carta a um programa, ter voz ativa na programação sem participar diretamente na gestão do veículo.

Neumann (1989) coloca a questão da participação como categoria chave para definição de alternativo e, principalmente à mídia comunitária, tendo os membros do grupo como o ator principal, de forma que seja “feita pelo grupo e não para o grupo”.

Com clara influência de Paulo Freire, Kaplún (1982, p. 07) defende que a comunicação popular democrática deve “estar a serviço de um processo educativo libertador e transformador, vinculado estreitamente à organização popular e ser uma autêntica comunicação, com metas de diálogo e participação”.

Assim como Peruzzo, o autor também divide e classifica de maneira diferente os tipos de comunicação, sendo que comunicação alternativa são os meios de comunicação com direcionamento contra-hegemônico; comunicação popular a que se coloca em defesa do interesse das classes populares; e comunicação participativa em que a participação permeia todas as etapas dos processos comunicativos.

### **O alternativo como um conceito “sede”**

Nestor Garcia Canclini (2016), ao falar do significado de tradução como “dizer de outra forma”, iguala a ação ao uso de metáforas e conceitos e sustenta que esse último viaja entre disciplinas, épocas e comunidades acadêmicas dispersas

(...) os conceitos se parecem com as metáforas na medida em que não condensam de um único modo o sentido, de uma vez por todas, porque são pontos flexíveis de coincidência, “sedes de debates”, estratégias providenciais para conversar, colaborar ou brigar, com certa coerência (CANCLINI, 2016, p. 68)

Utilizaremos o conceito “sede de debates” como forma de deixar sob o alternativo os tipos variados de comunicação que fazem parte do mesmo conceito. Isso não significa que não haverá critérios para esses processos comunicativos ‘entrarem na sede’, mas sim como forma de deixar mais evidente as categorias determinantes para definição conceitual.

Como vimos, alguns autores estabelecem o conteúdo, a participação e os objetivos do arranjo como chave principal para delimitar o conceito de ‘alternativo’.

---

Embora Peruzzo (2009) faça a distinção entre comunicação popular, alternativa e comunitária e imprensa alternativa, nos aproximamos da autora ao colocar lado a lado os três tipos de comunicação como processos semelhantes, porém nos distanciamos quando a mesma tende a distinguir os três tipos de comunicação e o de imprensa alternativa, pois nos parece um todo uno com partes diferenciadas, como explicitaremos a seguir.

Dessa forma, a nossa chave para análise de alternativo são as relações de produção. O processo produtivo é a categoria que confere força ao alternativo e influencia o conjunto do processo e da práxis social. Neste sentido, nos aproximamos de Atton (2002) que coloca a posição do trabalho no que diz respeito às relações de produção e ao formar “uma relação dialética entre os atores e estruturas envolvidos no sistema de mídia, formando assim uma mídia crítica”. (Silva, 2017)

Se as relações de produção, logo de partida, identificam-se pela reprodução mecânica, como na relação de um veículo comercial, a totalidade do processo será marcada por essas relações. O fato de serem caracterizadas pela horizontalidade ou mais permeabilidade das fontes e leitores faz com que haja mais discussão sobre as práticas jornalísticas. Assim sendo, o conteúdo refletido das mediações, entre essas a do trabalho, pode ser resultado de inferências que dialogam culturalmente com as contradições existentes entre capital e trabalho.

Se o modo de produção é uma categoria determinante que influenciará o conteúdo e as formas de participação no processo comunicativo, as diferenças que separam os tipos de comunicação se dissolvem a ponto de conseguirmos identificá-las tanto a comunicação popular, a comunitária e a imprensa alternativa no mesmo guarda-chuva do alternativo.

A categoria modo de produção foi desenvolvida por Marx (1983) para qualificar a maneira de organização da sociedade na produção de suas necessidades materiais, relacionadas com o nível de desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção.

Para analisar o conceito alternativo é fundamental entendermos como os trabalhadores da comunicação estão produzindo, como utilizam a matéria que produzem e a maneira como as distribuem. O excerto de Marx (1993, p. 24), em *Contribuição à Crítica da Economia Política*, diz:

A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção

---

que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. (MARX, 1993, p. 24)

Portanto, ao utilizar o modo de produção como “centro do nó” de alternativo nos possibilita entender de maneira coesa o conceito e a principal distinção entre as mídias - o conteúdo - passa a ficar mais clara até em contraposição à mídia comercial, visto que as pautas populares e comunitárias não são veiculadas nesse tipo de mídia, se não estiverem vinculadas à lógica da informação como mercadoria, entretenimento ou forma de dominação. Além disso, o sentido de comunitário tem constantemente sido limitado às possibilidades de formação de identidade local, vínculo afetivo, proximidade territorial sem haver relação entre o particular - características da comunidade – e o geral – elementos constitutivos da formação social, econômica e política. Outra questão objetiva, é que a comunicação comunitária tradicionalmente tem sido apropriada por pequenos empresários que se apoiam na venda de publicidade local ou por igrejas e por vereadores, cujas práticas muito se distanciam da participação popular e da contraposição ao status quo.

Atton (2002) e Duncombe (1997 *apud* Atton tradução nossa) destacam os processos produtivos das outras categorias: “[...]é a posição do trabalho no que diz respeito às relações de produção que dão o seu poder [...]”. Fica mais evidente na seguinte conceituação de Atton:

A mídia alternativa pode ser entendida como um desafio radical às práticas profissionalizadas e institucionalizadas da grande mídia. A mídia alternativa privilegia um jornalismo intimamente ligado a noções de responsabilidade, substituindo uma ideologia de "objetividade" por uma defesa e práticas de oposição. Suas práticas enfatizam os relatos de testemunhas oculares em primeira pessoa pelos participantes; uma reformulação das abordagens populistas do tabloide, jornais para recuperar um estilo "popular radical" de reportagem; formas coletivas e anti-hierárquicas de organização que evitam a demarcação e a especialização - e que, de maneira importante, sugerem uma forma inclusiva e radical de jornalismo. (ATTON, 2003. p. 269, tradução nossa)

Dessa forma, podemos nos aproximar novamente de Dênis de Moraes ao compreender a comunicação alternativa como um processo de “democratização substantiva da vida social”:

Essa noção de comunicação alternativa é compreendida como processo a um só tempo comunicacional, político, engajado e participativo, processo que envolve indivíduos, grupos e coletivos afinados, de um lado com uma visão anticorporativa do trabalho jornalístico e, de outro, com uma ação cultural em favor da sociabilização da política e de uma democratização substantiva da vida social. (MORAES, 2008, p. 45)

O posicionamento de veículos alternativos se dá na arena da luta de classes, na sociedade civil com múltiplas inferências das relações de poder, das disputas entre forças

sociais, cenário repleto de contradições. É nesse espaço que se dá a luta dialética pela direção moral, ética e cultural.

Ao utilizar o processo produtivo como chave analítica conseguimos agregar sob o conceito-sede de comunicação alternativa outras experiências em situações concretas específicas desde o primeiro jornal do Brasil até os dias de hoje com os sites e coletivos que têm aproveitado o barateamento de tecnologias de informação e comunicação para produzir jornalismo. A mídia alternativa, diferente de afirmações recorrentes, vai além de 1964.

### Referências bibliográficas

- Atton, C. **O que é jornalismo alternativo?** Jornalismo: Teoria, Prática e Crítica. 2003. Disponível em <http://sci-hub.tw/https://doi.org/10.1177/14648849030043001> Acesso em 17 de agosto de 2017
- CANCLINI, Néstor García. **O mundo inteiro como lugar estranho**. Edusp. SP. 2016.
- CHEPTULIN, Alexandre. **A Dialética Materialista: categorias e leis da dialética**. Ed. Alfa-Omega, SP. 2004
- DOWNING, John.D.H., **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. Ed. Senac. SP. 2002
- FÍGARO, Roseli **A Atividade de Comunicação e trabalho**. Revista Trabalho, Educação Saúde. Fiocruz, rio de Janeiro, v. 6 n. 1., 2008.
- FIORUCCI, Rodolfo. **A nova geração do jornalismo crítico: mídia alternativa**. Revista Diálogos, v. 15, n. 2, Maringá, maio / agosto 2011. Acesso em: 17 de janeiro de 2015.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004
- MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. Vol I, livro Primeiro, O processo de produção do Capital. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).
- MARX, K, ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo; Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. NOUROUDINE, Abdallah. **A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho**. In: SOUZA E SILVA, M. Cecília P., FAÍTA, Daniel. (orgs.) Linguagem e trabalho. Construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.
- SCHAFF, Adam. **O marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967
- SCHWARTZ, Yves. DURRIVE, L. **Trabalho & Ergologia**. Rio de Janeiro: Eduff, 2008. <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/>
- KAPLÚN, Gabriel. **La comunicación comunitaria en América Latina**. Buenos Aires (Argentina): Facultad de Ciencias Sociales de Buenos Aires, 2012. Disponível em [del-taller-de-comunicacion-comunitaria-2012.pdf](#)>. Acesso em: 3 de novembro de 2015.
- NEUMANN, Laurício. **Educação e Comunicação Alternativa**. Ed. Vozes, RJ, 1990.

---

NOUROUDINE, Abdallah. **A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho**. In: SOUZA E SILVA, M. Cecília P., FAÍTA, Daniel. (orgs.) Linguagem e trabalho. Construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.

OTRE, Maria Alice Campagnoli . **A pesquisa acadêmica sobre comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil**: análise das teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação em comunicação 1972-2012. Tese de Doutorado defendida em 2015. Universidade Metodista. Disponível em <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1496/2/Maria%20Otre.pdf>. Acesso em 05/10/2017

PERUZZO, Cicilia M. K. **A comunicação no desenvolvimento comunitário e local, cibercultur@**. Anais do XXI Encontro Anual da Compós. Juiz de Fora (MG): Compós, 2012. P. 1-15.

\_\_\_\_\_. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Revista Galáxia, n.17, São Paulo, 2009. Disponível em Acesso em:19/05/2017.

\_\_\_\_\_. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação UnB. Brasília, 2006. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2015.